

INSTALAÇÕES ANALÍTICAS NAS INSTITUIÇÕES: a experiência do Desembola na Ideia

Musso Greco

"Desembola na Ideia" é uma gíria juvenil brasileira que nomeia um projeto clínico e social em Belo Horizonte, desde 2008, que conta com uma estrutura de atividades que inclui conversação, ateliês de arte e tratamento psicanalítico individual na abordagem de adolescentes em situação de grave vulnerabilidade, negros e pobres, envolvidos com o tráfico de drogas, com histórico de abuso de substâncias psicoativas e em cumprimento de medidas socioeducativas da Justiça.

Como qualquer projeto de psicanálise aplicada à terapêutica hoje, enfrentamos os paradoxos do discurso do mestre contemporâneo, que repercutem entre os encaminhadores de adolescentes para nosso serviço como demandas: de adaptar comportamentos, de medicalizar o mal-estar, de produzir estatísticas “de sucesso”, etc. A dificuldade disso decorrente é a de incorporação dos princípios que nos orientam nas políticas públicas (por exemplo: o papel da singularidade de desencadear o jogo entre particular e o universal). Como estratégia para não funcionarmos de modo marginal ou extraterritorial em relação ao discurso jurídico, fazemo-nos presentes em todos os fóruns e comissões responsáveis pela defesa dos direitos dos adolescentes da cidade, contribuindo sempre com “evidências” clínicas na reformulação de políticas institucionais.

Ainda no tocante à parceria com o Sistema Socioeducativo, esquivamo-nos da sua demanda de operarmos como um “braço da Saúde”, complementar, situando-nos de forma *extima* em relação à instituição, por: 1- não ter vínculo empregatício; 2- não nos encarregarmos de executar medidas socioeducativas; 3- alternar atendimentos nas unidades e na nossa sede. Assim – dentro e fora, íntimos e externos –, sustentamos uma diferença em relação aos funcionários públicos em posição de distância quanto ao gozo assistencialista ou punitivista tão pregnantas nessas instituições.

Outro ponto de atenção concerne ao caráter desenlaçado dos adolescentes, que faz com que não haja resposta aos significantes-mestres tradicionais ou investimento da libido numa satisfação substitutiva inconsciente encarnada pelo sintoma. Entendemos que quando o gozo está no lugar do Outro e que o sujeito é objeto desse gozo, só resta ao psicanalista fazer algum cálculo do Real para causar surpresa, provocar uma *tiquê*, quebrando o encadeamento do *automaton* vigente.

Para isso, inventamos um espaço físico que não se parece com nada do mundo desses adolescentes, além de incluir artistas na equipe, que, junto com os analistas, não “ensinam”, mas oferecem questionamentos e interpretações como acontecimentos do dizer, sobre o que os adolescentes trazem espontaneamente como perturbações – um gozo singular –, como “mistérios do corpo falante”: corpo a advir, produzido pela fala, produzido no fazer, no convite para estar ali, participando e inventando, gerando, por extração, injeção ou recuperação, novas relações com os objetos pulsionais..

Um acontecimento cotidiano do Desembola: uma adolescente, que quase nunca fala, chora. Um psicanalista abaixa os olhos, e ela pergunta por que ele desviou o olhar. "Algumas pessoas não gostam de serem vistas chorando." Ela concorda. "Há um jeito de conversar sobre coisas difíceis: de costas", continua ele. "Assim?", pergunta a menina, girando sua cadeira. "Isso", ele diz. Ela, então, propõe: "precisamos fazer uma cadeira dessas para o Desembola, uma cadeira de chorar". Faz a cadeira no ateliê e passa a usá-la nas sessões com o analista: "para conseguir falar o que eu sinto".